

SOCIALIZAÇÃO, EXPERIÊNCIAS E AGENTES-INTERLOCUTORES NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO: INTERFACES DA PRODUTIVIDADE ACADÊMICA*

SOCIALIZATION EXPERIENCES AND AGENTS-PARTNERS IN SHAPING THE COLLEGE STUDENT: INTERFACES OF ACADEMIC PRODUCTIVITY

SOCIALIZACIÓN, EXPERIENCIAS Y AGENTES INTERLOCUTORES EN LA FORMACIÓN DEL ESTUDIANTE UNIVERSITARIO: INTERFACES DE LA PRODUCTIVIDAD ACADÉMICA

MAÍSA APARECIDA OLIVEIRA^I

MARIA CRISTINA SILVEIRA GALAN FERNANDES^{II}

Resumo O trabalho objetiva analisar os impactos da produtividade acadêmica na formação dos estudantes, problematizando-se as dimensões social, ética e política da universidade, direcionadas para os seus espaços de socialização e formação. A pesquisa foi realizada com 120 estudantes de graduação dos Centros de Ciências Biológicas, Humanas e Exatas de uma instituição federal de ensino superior brasileira que responderam a um questionário. Posteriormente, 10% desses estudantes fizeram entrevista semiestruturada. A análise dos dados foi balizada em Bourdieu e em perspectivas críticas de educação. A universidade legítima e reproduz as relações de dominação social, incidindo na maneira pela qual a trajetória escolar do estudante influencia na dinâmica de suas atividades na universidade, condicionando as escolhas e as atitudes no desenvolvimento de sua formação pessoal e

* Este artigo é parte dos estudos desenvolvidos em pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

^I Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos/SP – Brasil

^{II} Universidade Estadual Paulista de Araraquara, Araraquara/SP – Brasil

profissional. Conclui-se que os estudantes têm incorporado a prática de produção do conhecimento que segue a lógica do trabalho intensificado e produtivista dos professores universitários, orientada pela mercantilização do conhecimento no contexto das políticas neoliberais. A atividade do estudante se reduz à atuação acadêmico-científica, com baixo índice de participação em grupos sociais de universitários.

PALAVRAS-CHAVE: PRODUTIVIDADE DO ENSINO SUPERIOR; ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO; FORMAÇÃO ACADÊMICA.

ABSTRACT The work aims to analyze the impacts of academic productivity in students' education, in which problematize the social and university policy, directed to their spaces of socialization and training dimensions, ethics. The survey was conducted with 120 undergraduate students Biological Sciences, Humanities and Exact the Institution of Brazilian Higher Education sciences centers who responded to a questionnaire. Subsequently, 10% of students held a semi-structured interview. Data analysis was guided by critical perspectives. The university legitimizes and reproduces relations of social domination, focusing on how the school trajectory student influences the dynamic of their activities at the university, conditioning the choices and attitudes in developing their personal and professional formation. We conclude that students have incorporated the practice of knowledge production that follows the logic of intensified and productivist work of academics, driven commodification of knowledge in the context of neoliberal policies. The student activity is reduced to the academic and scientific activity, with low rate of participation in social groups of college.

KEY-WORDS: PRODUCTIVITY OF HIGHER EDUCATION; UNIVERSITY STUDENT; ACADEMIC TRAINING.

RESUMEN El trabajo tiene como objetivo analizar los impactos de la productividad académica en la formación de los estudiantes, problematizándos elas dimensiones social, ética y política de la universidad, direccionadas a sus espacios de socialización y formación. La pesquisa fue realizada a 120 estudiantes de graduación de los Centros de Ciencias Biológicas, Humanas y Exactas de una institución federal de enseñanza superior brasileña que contestaron a uncuestionario. Posteriormente, el 10% de esos estudiantes realizo una entrevista semiestructurada. El análisis de los datos fue demarcado con Bourdieu y en perspectivas críticas de educación. La universidad legitima y reproduce las relaciones sociales de dominación, se centra en la forma en que la vida escolar del alumno influye en la dinámica de sus actividades en la universidad, las opciones de acondicionamiento y actitudes en el desarrollo de su formación personal y profesional. Se concluyó que los estudiantes tienen incorporado la práctica de producción del conocimiento que siguela lógica del trabajo intensificado y productivista de los profesores universitarios, orientada por la mercantilización del conocimiento en el contexto de las políticas neoliberales. La actividad del estudiante se reduce a la actuación académico-científica, con bajo índice de participación en grupos sociales universitarios.

PALABRAS CLAVE: PRODUCTIVIDAD DE LA ENSEÑANZA SUPERIOR; ESTUDIANTE UNIVERSITARIO; FORMACIÓN ACADÉMICA.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta como foco de análise o desenvolvimento da formação do estudante constituída nas interfaces da produtividade acadêmica no contexto universitário. Problematizamos as dimensões social, ética e política da universidade direcionada para os espaços interpessoais de socialização, de formação e de atuação dos estudantes no cotidiano acadêmico. Os dados apresentados neste texto resultam de uma pesquisa mais ampla em que se buscou investigar as implicações e as repercussões da produtividade acadêmica na formação dos discentes universitários.

A pesquisa apresentou caráter quali-quantitativo e foi realizada em uma instituição federal de ensino superior (IFES), localizada na região Sudeste do Brasil. A instituição possui 33 cursos de graduação que são divididos nos Centros de Ciências pertencentes às áreas Biológicas, Exatas e Humanas. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram selecionados quatro cursos de cada Centro: Biotecnologia, Fisioterapia, Ciências Biológicas e Medicina; Engenharia de Materiais, Engenharia Química, Física e Matemática; Pedagogia, Educação Especial, Filosofia e Ciências Sociais.

A amostra inicial foi composta por 40 estudantes de cada Centro de Ciências, sendo dez estudantes matriculados nos dois últimos anos letivos de cada curso de graduação selecionado para a pesquisa. Em um primeiro momento, solicitamos aos 120 estudantes que respondessem a um questionário que visou mapear e caracterizar o perfil dos estudantes universitários e suas atividades.

Na segunda fase da pesquisa, realizamos entrevistas semiestruturadas individuais com 10% dos estudantes que responderam ao questionário. Na entrevista, buscamos aprofundar os dados obtidos pelo questionário no que se refere ao ingresso na universidade e seus condicionantes, às relações que os estudantes estabelecem com diferentes agentes na universidade, às atividades acadêmicas realizadas e à importância para o estudante das atividades acadêmicas remuneradas, como a bolsa de Iniciação Científica.

As bolsas de Iniciação Científica (IC) são ofertadas aos alunos da graduação por diversas agências de fomento à pesquisa, visando incentivar os estudantes a se tornarem profissionais da ciência e da tecnologia. A IC (que também pode ser realizada como atividade voluntária) tem como objetivo oportunizar ao estudante o aprendizado de metodologias e técnicas de pesquisa, a fim de contribuir para a redução do tempo médio de titulação de mestres e doutores, bem como a maior interação entre a graduação e pós-graduação (CNPq, 2014).

No que se refere à produtividade acadêmica, sucintamente, os estudantes foram interpelados sobre o que consideram ter produzido na universidade, e qual a implicação de tal produção para a sua formação, bem como se o estudante avalia o processo de produtividade acadêmica no contexto universitário coerente.

Consideramos nesta pesquisa que os conteúdos das representações constituem elementos cujo repertório simbólico e suas respectivas fontes não podem ser descontextualizados dos processos de construção discursiva dos atores sociais. Nesse sentido, assinalamos que a participação dos sujeitos da pesquisa foi voluntária, as entrevistas tiveram

duração média de 35 minutos e para que as identidades fossem preservadas atribuímos nomes fictícios aos estudantes entrevistados. Neste trabalho, nos deteremos na discussão dos dados obtidos nas entrevistas.

Assim, a análise proposta neste artigo incide sobre a atividade discente na atual conjuntura da universidade e suas funções sociais, bem como a formação do estudante construída no cotidiano das relações estabelecidas entre alunos e a produtividade acadêmica. Ressalta-se que tal temática vem sendo aprofundada na atualidade, mas ainda há poucas pesquisas sobre a atividade do estudante universitário, configurada no contexto do capitalismo neoliberal, no que se refere aos processos de formação e de socialização do mesmo.

A UNIVERSIDADE E SUA POLÍTICA MERCADOLÓGICA: A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO CONSTITUÍDA NA LÓGICA DE MERCADO

O ensino superior insere-se no contexto social global determinado pelas ações dos sujeitos que atuam nesses espaços e exercem compromissos historicamente definidos. Em outras palavras, a universidade tem por função produzir conhecimento a partir da problematização de questões construídas historicamente, por conseguinte, aplicadas às demandas apresentadas pela sociedade, com a qual, contudo, a universidade estabelece relação antagônica e complementar. É, portanto, papel histórico e social da universidade pública a produção e divulgação do conhecimento. Observa-se que a relação intrínseca da universidade com a cultura é parte integrante de sua autonomia, garantindo a produção do conhecimento, a assimilação intelectual, a crítica, a reflexão e o debate (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005).

Compreende-se, no entanto, que o período atual de regulação do capitalismo designa, em um contexto de exigências diferenciadas, demandas e desafios à educação, de maneira peculiar à educação superior, incluindo os processos de internacionalização e globalização da economia.

Assim, a universidade, instituição educativa cujo espaço de disputa ideológica e conflito político determinam os agentes e os conhecimentos produzidos nesse espaço, modifica-se em capital (DIAS SOBRINHO, 2001). Em outras palavras, a universidade é pressionada a atuar de maneira que o ensino ministrado, a pesquisa desenvolvida e os serviços de extensão atendam às constantes exigências para o enfrentamento dos problemas da estrutura socioeconômica vigente. As demandas e as exigências de ampliação da produção de conhecimento se dão em uma sociedade em que a ciência tornou-se mercadoria. O conhecimento encontra-se sujeito às regras paradoxais à sua natureza, estimulado pelo próprio *campo* mercadológico.

Como afirmam Sguissardi e Silva Júnior (2009), a produtividade acadêmica, como política de Estado e de cultura institucional, tem em sua tradução, na esfera filosófica, o pragmatismo, e na esfera econômica, a mercadorização da ciência e da inovação tecnológica. Nesse sentido, a produtividade acadêmica tem se tornado, de acordo com os autores, o polo gerador de uma reforma da instituição universitária que tende a colocá-la a reboque do mercado.

Nesse contexto, entendemos ser preciso repensar as saídas para a universidade enquanto instituição social e, de modo específico, os dilemas da universidade pública brasileira. As questões sucintamente apresentadas neste texto nos permitem inferir sobre a mudança na identidade e cultura da universidade, especificamente nas relações que a instituição universitária estabelece com a sociedade e, principalmente, com o Estado. Essas relações atuam diretamente no trabalho do professor, como assinalado por Sguissardi e Silva Júnior (2009); Mancebo (2011); Sguissardi (2008), autores que realizam pesquisas para a ampliação da compreensão sobre tal temática. Assim, torna-se fundamental a problematização da formação do estudante universitário quando as pesquisas desenvolvidas por esse estudante, junto aos professores, geram inovações tecnológicas e científicas que favorecem a industrialização do conhecimento.

Nesse sentido, tais considerações apontaram para a necessidade de se repensar a discência no contexto das reflexões atuais sobre a universidade e suas funções. Funções essas que não se limitam à dimensão acadêmica e tecnológica, mas também social, cultural e política.

INTER-RELAÇÕES ENTRE A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA, A DISPOSIÇÃO SOCIAL E A SOCIALIZAÇÃO DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

A teoria sociológica de Pierre Bourdieu revela uma maneira de compreender a educação como uma das principais instituições que mantêm e legitimam os privilégios sociais. Sob essa ótica, Bourdieu (1982, 1983a, 1992) considera que as ações dos agentes educativos demandam problematização, no que se refere às inter-relações entre as suas construções simbólicas e a conservação de dominação social, fazendo-se necessário analisar as origens e as classificações sociais. A problematização da ação do estudante universitário é, portanto, um elemento relevante para a compreensão de como a trajetória social dos sujeitos influencia na dinâmica da atividade do estudante no contexto universitário.

O mundo social possui categorias de percepção para o referido autor que são, essencialmente, o produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço social. Dessa maneira, consideramos, a partir da teoria de Bourdieu (1983a), que os estudantes universitários percebem a universidade tal como ela é, ou seja, a aceitação da universidade, como espaço social, é dada como algo natural, o que dificulta a revolta e a oposição para com as diferentes percepções, numa aceitação estratégica dessa disposição.

No processo de incorporação da herança cultural e social, Bourdieu (1983a) postula o conceito de *habitus* como o sistema de disposições duráveis estruturadas segundo o meio social dos sujeitos de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações. O *habitus* é entendido como referência das predisposições duráveis do modo de agir, pensar e portar-se dos indivíduos. O *habitus* é incorporado nas relações estabelecidas socialmente caracterizadas nas predileções e nas aptidões dos indivíduos, nas maneiras de se portar e falar, nas pretensões de futuro profissional (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002).

A constituição do *habitus*, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, como sistema de disposições socialmente construídas, integra o princípio gerador e unificador do

conjunto das práticas e das ideologias intrínsecas a determinado grupo de agentes, o que proporciona uma posição e uma trajetória delimitadas no cerne de um campo intelectual que, assim, ocupa uma posição definida na composição da classe dominante (BOURDIEU, 1982). Especificamente, a atuação do estudante na universidade conduz à reflexão e à atualização das disposições sociais e das distinções estruturais que são definidas, tornando-se, assim, parte distintiva de sua subjetividade.

Para Bourdieu (1992), a posição que o indivíduo ocupa em diferentes campos define a sua posição no espaço social. Ou seja, o espaço social do indivíduo é deliberado na disposição dos poderes que ele exerce em cada campo, discriminados pelos capitais social, econômico e simbólico. A posição no campo social determina os poderes atuais ou potenciais nos diferentes campos, além de oportunizar as possibilidades futuras de acesso aos capitais simbólico, social e cultural (incorporado ou materializado). De maneira particular, o capital econômico tende a impor a sua estrutura a cada campo e à hierarquia que se estabelece nele. Com base em tal discussão, compreendemos que o estudante universitário detentor dos capitais social, econômico e simbólico legitimados pela universidade ocupa uma posição social privilegiada em relação aos estudantes pertencentes às classes sociais dominadas, que não detêm os capitais legitimados pela universidade. A posição que o estudante ocupa antes de ingressar na universidade pode, portanto, ser reproduzida no campo acadêmico.

No entanto, ainda com base em Bourdieu, é possível considerar que os estudantes que originalmente não detêm os capitais legitimados pela classe dominante, no decurso acadêmico, podem incorporar tais capitais modificando o *habitus* familiar, incorporando os capitais simbólico, cultural e social do contexto universitário.

Consideramos, assim, que Bourdieu nos revela elementos e categorias fundamentais para a análise de dados referentes à influência da família no processo de socialização e formação do estudante universitário, à inserção dos discentes nos diversos grupos sociais e científicos que a universidade proporciona, às suscetíveis modalidades de relações estabelecidas entre os pares universidade-estudantes, professores-estudantes e estudantes-estudantes e, por fim, nos permite identificar a participação (e a não participação) dos estudantes em atividades acadêmicas, conforme evidenciamos a seguir.

A ATIVIDADE DISCENTE NA UNIVERSIDADE: SOCIALIZAÇÃO, EXPERIÊNCIAS, AGENTES-INTERLOCUTORES E OS IMPACTOS DA PRODUTIVIDADE ACADÊMICA

O processo de socialização caracterizado na formação do estudante universitário ocorre pela incorporação de ações sociais, como disposições, normas e valores, constituindo-o como um ser social e profissional, o que possibilita a mudança social a partir do processo de transformação de uma identificação adquirida na socialização primária (SETTON, 2005). Consideramos, com base em Setton (2005), que no processo de socialização do estudante universitário podem ocorrer alterações da socialização primária quando ele se insere na graduação. Conforme afirma a autora:

Enfatizando a diferenciação e o aprendizado dos saberes institucionais espe-

cializados na ocasião da socialização secundária, notadamente nas instituições escolares técnicas e profissionais, essa teoria abre a possibilidade de definir a mudança social como um processo de transformação de uma identidade adquirida na socialização primária (SETTON, 2005, p. 341).

A inserção do estudante no ensino superior pode ocorrer por influência da família ou pares no processo de socialização primária, no entanto, cursar o ensino superior também pode se tornar um objetivo profissional do estudante. Em outras palavras, condicionado pelo *habitus* incorporado, o estudante se insere no âmbito da função social da universidade: profissionalizar-se.

O nível de escolaridade dos pais atua como predisposições de incorporação do *habitus* nas perspectivas do futuro escolar (DUBAR, 2005). Os resultados da pesquisa indicaram que os pais dos estudantes investigados são detentores de altos níveis de escolarização (ensino superior e pós-graduação), o que influencia na escolha dos estudantes em cursar o ensino superior. Constatamos que a escolha dos estudantes pelo ensino superior é condicionada pelo *habitus* incorporado no decorrer de sua trajetória social mediada pela família ou pelos grupos de referência (professores, amigos, sacerdotes etc.).

Os processos de adaptação dos estudantes ao ingressarem na universidade são distintos, pois a origem escolar influencia diretamente nesse processo. Verificamos que os estudantes oriundos de escolas particulares tiveram menos dificuldades de adaptação às demandas da universidade e que os estudantes de escolas públicas precisaram dedicar-se mais para acompanhar o desempenho dos demais colegas de turma.

A inserção na universidade vivenciada pelos estudantes provenientes das escolas particulares ocorreu como um processo de continuidade ao ritmo das atividades desenvolvidas no ensino básico. Já para os estudantes oriundos de escolas públicas, houve a necessidade de aumentar o ritmo dos estudos, além de relatos em que se fez necessário *aprender a estudar*, tendo em vista que as práticas de estudos experienciadas na educação básica pública não supriam as demandas no ensino superior.

Entendemos que o foco central da sociedade está direcionado à mercantilização, o que naturaliza a competição em todos os âmbitos da sociedade. A competição existente no campo acadêmico acontece tanto quanto na sociedade (CHAUÍ, 2001), no entanto, a partir da análise dos dados desta pesquisa, para os estudantes aspirantes à pós-graduação, a competição apresenta-se de maneira mais arraigada, devido à necessidade de produzirem um conhecimento articulado e voltado para a valorização do capital, quantificando a produtividade acadêmica, incentivando a inovação para a ampliação do valor agregado dos produtos e para a obtenção competitiva de novas pesquisas e publicações valorizadas e experienciadas para a pós-graduação (OLIVEIRA; CATANI, 2011).

Compreendemos que a formação do estudante se constrói nas relações estabelecidas na universidade. Ao analisarmos as modalidades de relações estabelecidas pelos estudantes, visamos conhecer suas relações interpessoais e os vínculos que nela estabelecem, compondo a socialização e as experiências vivenciadas entre os estudantes e seus agentes-interlocutores.

Na relação que se estabelece entre professor e estudante, identificamos que os professores são referência para os alunos, no entanto, alguns universitários relataram de maneira crítica que repugnam a concepção do processo de ensino-aprendizagem que alguns docentes detêm. A deficiência de didática de alguns professores foi criticada pelos estudantes que acreditam ser necessário ao docente, além do domínio do conhecimento e do conteúdo ministrados, possuírem metodologias que facilitem o processo de ensino e de aprendizagem.

A formação do estudante é construída socialmente no contexto universitário como resultado da interação estudante-universidade, compreendida nos espaços oportunizados pela instituição educativa de ensino superior. Na relação de incentivo da universidade para com os estudantes, constatamos que a instituição universitária exige desempenho satisfatório, associado às inovações tecnológicas desenvolvidas, concomitantemente ao cumprimento dos prazos estabelecidos para a conclusão do curso.

A relação estudante-universidade também se expressa na relação que o estudante estabelece com financiamentos que a universidade proporciona para a realização de algumas atividades acadêmicas, bem como auxílios para moradia e alimentação. A bolsa de Iniciação Científica possui um importante significado para os sujeitos desta pesquisa, pois permite ao estudante sua manutenção na universidade e uma relativa autonomia em relação a sua família, uma vez que não trabalha e não tem rendimento financeiro.

Há estudantes que relataram que os pais não têm condições de mantê-los na universidade e usufruem os auxílios de alimentação e moradia que a universidade oferece, mas que possuem outras necessidades que vão além da alimentação e da moradia e com a remuneração obtida na realização de alguma atividade acadêmica, como a Iniciação Científica, conseguem suprir tais necessidades. Outros estudantes afirmaram que essa remuneração possibilita certa independência dos pais, o que se torna muito gratificante, tanto para os próprios estudantes, quanto para os pais.

Partindo do pressuposto da ontologia do ser social, em que o trabalho é reconhecido como categoria fundante do ser, pressupondo a formação omnilateral do estudante, desenvolvendo as suas potencialidades intelectuais, emocionais, sociais, políticas, culturais, éticas e físicas (OLIVEIRA et al., 2009), entendemos a atividade discente como trabalho, como o próprio processo de produção do estudante, problematizando e contrapondo-se às relações capitalistas contingentes à sua formação.

Os aprendizados e as trocas de experiências para os estudantes universitários podem ocorrer também em atividades que não são consideradas acadêmicas. Entendemos por atividades não acadêmicas as relacionadas aos movimentos estudantis (Diretório Central dos Estudantes, Diretório Acadêmico, Centro Acadêmico, entre outros) e aos grupos informais (esportivos, teatrais, religiosos, entre outros). Os dados da pesquisa permitiram constatar que os universitários, em sua grande maioria, não participaram de muitas atividades desvinculadas à Academia, pois se detiveram a discorrer sobre os estágios voluntários e os eventos científicos.

Lembramos que os estudantes universitários que participaram da pesquisa estão matriculados nos dois últimos anos do curso de graduação. Os dados da pesquisa evidencia-

ram que estudantes inseridos na universidade exercem diversas atividades, construindo ao longo do percurso da graduação sua formação acadêmica e, conseqüentemente, sua carreira profissional. Com base em Bourdieu (1983a), apreendemos que as atividades academicamente rentáveis possibilitam ao estudante a obtenção do reconhecimento dos seus pares. A escolha dos estudantes pelas atividades acadêmicas (legitimadas pela universidade) é balizada pela instrumentalidade do sucesso escolar (alcançado com a participação nas atividades consideradas rentáveis), categoria constitutiva para a inserção e o reconhecimento do estudante. Dessa maneira, considerando a impessoalidade vivenciada com os grupos sociais (professores, estudantes, movimentos estudantis) e a prioridade de participação em atividades rentáveis, inferimos que a socialização do estudante universitário é pautada na hegemonia da sociabilidade produtiva e da precarização das relações sociais. A supremacia de tal sociabilidade produtiva vivenciada no contexto estudantil universitário é identificada na magnitude das atividades acadêmicas realizadas que cumprem o objetivo de preencher o *Currículo Lattes*.

Nesse contexto de sociabilidade produtiva, as atividades relacionadas à pesquisa foram consideradas fundamentais pelos estudantes para a sua formação acadêmica, profissional e pessoal. Tais atividades proporcionam aos estudantes relacionarem a teoria com a prática, a aprenderem a trabalhar com planejamento, organização e prazos, crescimento intelectual e a adquirirem maturidade, assumindo a postura de cientistas. Na concepção crítico-dialética a pesquisa é caracterizada como processo educativo emancipatório, para tanto a pesquisa precisa ser considerada “como capacidade de questionamento, de elaboração e reelaboração constante da própria aprendizagem” (FERNANDES, 2002, p. 69), o que nos leva a afirmar que a pesquisa é parte intrínseca do desenvolvimento profissional do estudante. Entretanto, tal processo educativo, que poderia ser emancipatório, nos moldes atuais da universidade, tem colaborado para enfatizar atitudes individualistas entre os estudantes, no contexto das práticas de pesquisa produtivistas e mercantilizadas.

Desse modo, a problemática do desenvolvimento da pesquisa na graduação concentra-se na cooptação à concepção produtivista e mercantilizada da ciência e da pesquisa, tendo em vista que as pesquisas visam principalmente ao benefício das empresas e das entidades que as promovem em uma progressiva mercantilização do conhecimento. Nesse panorama, podemos afirmar que o estudante da graduação representa mão de obra qualificada e barata, sendo cobrado e avaliado pelas agências financiadoras em atividades que são essencialmente formativas. Verificamos que os estudantes não têm percebido a importância de suas atividades, tanto em pesquisas quanto em estágios, para a ampliação da lucratividade das empresas e benefício do Estado.

A produção científica dos estudantes tem aumentado e tem sido publicada em congressos, em periódicos e em outros meios de divulgação, sendo suficiente, em alguns casos, para ingressarem em programas de doutorado direto, sem passar pela etapa do mestrado, compondo uma crescente tendência dos últimos anos no Brasil (SANTOS, 2013).

A hierarquização presente no campo científico define o acesso a determinados meios de publicações e tal hierarquia se efetiva devido à posição ocupada no campo (BOUR-

DIEU, 1983b). Os estudantes revelaram que há espaços científicos em que são impossibilitados de divulgarem suas pesquisas e indicaram também que quando o trabalho científico é realizado com estudantes da pós-graduação ou com professores, existe a possibilidade de aprovação do trabalho, o que ratifica a hierarquização no campo acadêmico, e explicita a posição social que os estudantes ocupam.

Entendemos como função social e parte intrínseca ao processo de produtividade acadêmica que o conhecimento produzido na universidade deve ser compartilhado, criticado e devolvido à sociedade, proporcionando, assim, novas questões, pesquisas e concepções de ciência. Nesse sentido, a produção do conhecimento consiste em um processo em que a pesquisa é pensada, planejada, fundamentada em teorias, desenvolvida e executada; posteriormente a pesquisa é escrita, momento em que podemos analisar os resultados obtidos para serem divulgados. Como se sabe, não é um processo fácil, principalmente quando se está aprendendo a desenvolvê-lo, como os sujeitos participantes desta pesquisa. Para os estudantes entrevistados esse momento em que o conhecimento foi produzido por eles é bastante complexo e extenso, se considerado a autonomia necessária para desenvolver a pesquisa, apropriação dos conhecimentos produzidos e, por fim, a sistematização do material elaborado.

A produção do conhecimento foi analisada pelos estudantes como um processo complexo e se acentuou pela incorporação de uma postura adotada, de maneira geral, pelos professores-orientadores em um processo de escrita rápido e até *ansioso*, que podemos analisar como produtivista ou intensificado.

Com base em Mancebo (2011), constatamos que a intensificação do trabalho é o principal fator do sofrimento físico e psicológico dos docentes inseridos no processo de produção do conhecimento científico. A referida autora destaca como fatores centrais da problemática o “ritmo, a intensidade, os valores com que se desenvolvem as atividades docentes (heteronomia, competição e individualismo, por exemplo), bem como a própria expansão da jornada de trabalho” (MANCEBO, 2011, p. 37).

Os resultados da pesquisa realizada permitem perceber que os alunos da graduação têm incorporado uma prática de produção acadêmica que segue a lógica do trabalho intensificado dos docentes universitários, ou seja, estão sendo formatados em uma concepção “ansiosa”, em que devem escrever trabalhos científicos rapidamente, para produzirem mais, aproveitando todas as possibilidades de produção científica, numa prática de produção do conhecimento intensificada.

A universidade, imersa nessa lógica intensificada, espera um *habitus* específico do seu aluno e, muitas vezes, exclui os estudantes que não tiveram acesso aos capitais social, familiar, econômico e escolar para a obtenção do *habitus* acadêmico exigido.

A partir da superação das dificuldades de execução da pesquisa e de sua escrita (na língua materna ou estrangeira) a dificuldade de alguns estudantes concentra-se no processo de publicação de seus trabalhos. Os estudantes relataram que se o trabalho está bem desenvolvido e escrito não há grandes problemas para a obtenção de um espaço para a publicação, ainda que em alguns periódicos a acessibilidade seja mais restrita. Para tais periódicos em

que há dificuldade para publicação, os graduandos utilizam como estratégias as parcerias com estudantes da pós-graduação e professores.

A partir da compreensão da teoria elaborada por Bourdieu (1983b), consideramos que no campo científico existe uma hierarquia social presente em todas as instâncias. Tal hierarquização é o que define as práticas e as escolhas, constituindo, assim, a hierarquia social, nesse caso, de quem pode ter acesso a determinados meios de publicação e de suas estratégias. Para o autor:

É o campo científico, enquanto lugar de luta política pela dominação científica, que designa a cada pesquisador, em função da posição que ele ocupa, seus problemas, indissociavelmente políticos e científicos, e seus métodos, estratégias científicas que, pelo fato de se definirem expressa ou objetivamente pela referência ao sistema de posições políticas e científicas constitutivas do campo científico, são ao mesmo tempo estratégias políticas (BOURDIEU, 1983b, p. 126).

No campo científico, o agente que pretende ocupar uma posição privilegiada na hierarquia social precisa possuir *certos capitais* específicos. Como se sabe, há a exigência de publicações, em que o pesquisador é avaliado segundo a quantidade de publicações que possui. O número de publicações determina o desempenho, os financiamentos e o *status* do pesquisador. Tais demandas têm resultado em um grande número de trabalhos publicados que não trazem, muitas vezes, contribuições para a sociedade (SGUISSARDI; SILVA JÚNIOR, 2009). Os estudantes da graduação percebem tal problemática e afirmam que para cumprir os prazos estipulados pelas agências de fomento é preciso acentuar a produtividade e a publicação, o que pode comprometer descobertas significativas para a ciência.

A crescente problemática assinalada pelos estudantes se refere ao fenômeno do produtivismo acadêmico, em que a quantidade da produção científico-acadêmica é demasiadamente valorizada, sem levar em consideração, muitas vezes, a qualidade do que se produz. A fala dos estudantes contesta a lógica produtivista, na qual as pesquisas realizadas precisam gerar produções/publicações sem se preocupar com os benefícios científicos, públicos e sociais, fomentando a competição entre os pares, legitimada pelo atual modelo de avaliação, de regulação e de controle (SGUISSARDI, 2010). Para Sguissardi e Silva Júnior (2009), essa é a mercadorização da ciência e da inovação tecnológica, caracterizada como polo gerador do produtivismo acadêmico.

Nesse contexto, procuramos identificar o posicionamento dos estudantes sobre o atual panorama de produtividade acadêmica delineada nas entrevistas. Os estudantes afirmaram não concordar com a maneira como são impostas as exigências e avaliações da produção acadêmica, porém não indicaram uma possível alternativa para tais exigências.

A cobrança da universidade sobre a produção científica foi retomada pelos estudantes ao considerarem o processo vazio quando resulta em uma produção científica superficial. Para os estudantes, a questão vai além do campo científico, pois acreditam que a Ciência não pode ser construída com elementos simplistas para gerar um artigo. E destacam ainda que a Ciência é construída por sujeitos sociais que vivem processos pes-

soais e físicos e, por vezes, podem ser impossibilitados de desempenhar suas atividades com a tenacidade necessária.

A inserção dos estudantes em tal contexto intensificado de produção acadêmica tem influenciado sua formação e interação social. Na universidade, os estudantes estão em constante processo de socialização. Refletindo sobre os impactos das interações ocorridas entre o estudante e a universidade em sua formação acadêmica, constatamos a predominância do crescimento intelectual do estudante adquirido pela experiência obtida no campo universitário com o qual se torna profissional apto a atuar no mercado de trabalho.

No entanto, o decurso do estudante na universidade imersa na lógica produtivista o sobrecarrega de atividades. Para conseguir realizar as tarefas curriculares e extracurriculares, o estudante precisa abdicar de várias experiências sociais que por vezes causam estranhamento. Com base em Dejours (2004), não há trabalho sem o sofrimento, o que requer do estudante autocontrole e disciplina. Se há prazer na realização do trabalho, não significa que no processo não possa existir sofrimento, caracterizando a dialética do sofrimento e do prazer na atividade do estudante universitário. Para Dejours (2004), podemos inferir que o sofrimento é captado na observação das defesas que os estudantes expõem como justificativa para a sua atuação. O sofrimento faz que o estudante elabore estratégias defensivas, não é algo doloroso, visto que essa estratégia equilibra o sofrimento psicossomático na realização do trabalho. Nesse sentido, o produtivismo gera uma normalização, na qual o estudante universitário deve se adaptar às normas, regras e processos, justificados pelo conformismo e pelo fetiche do prazer em que, ao mesmo tempo em que se percebe incomodado com a realidade acadêmica experienciada, não quer se desvincular do campo universitário por se identificar com a prática de se fazer pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apontamos neste artigo que a socialização dos estudantes universitários acontece na incorporação duradoura do *habitus* como uma *impregnação* de maneiras subjetivas procedentes dos grupos de pertença. A essência do grupo a que pertence o estudante pode se manifestar de maneira distinta e adaptada às situações inesperadas (DUBAR, 2005). O processo de socialização do estudante universitário acontece ainda numa relação dinâmica, vivenciada com aqueles que estabelecem algum tipo de envolvimento (ou não) com o estudante e pela sua possível articulação com grupos instituídos.

Nossa pesquisa indicou que estudantes inseridos na universidade exercem diversas atividades, construindo ao longo do percurso da graduação sua formação acadêmica e, conseqüentemente, sua carreira profissional. As atividades academicamente rentáveis possibilitam ao estudante a obtenção do reconhecimento dos seus pares. Portanto, a escolha dos estudantes pelas atividades acadêmicas (legitimadas pela universidade) é balizada pela instrumentalidade do sucesso escolar (alcançado com a participação nas atividades consideradas rentáveis), categoria constitutiva para a inserção e o reconhecimento do estudante. Dessa maneira, considerando a impessoalidade vivenciada com os grupos sociais (pro-

fessores, estudantes, movimentos estudantis) e a prioridade de participação em atividades rentáveis, inferimos que a socialização do estudante universitário é pautada na hegemonia da sociabilidade produtiva e da precarização das relações sociais.

A imersão do estudante universitário na lógica acadêmica produtivista acarretou a intensificação das atividades, sobrecarregando o estudante com tarefas que são avaliadas pelas agências de fomento de suas pesquisas. Os dados da pesquisa evidenciaram que para cumprir os trabalhos curriculares e extracurriculares o estudante precisou abdicar de várias experiências sociais, como vivências com a família, amigos e até mesmo das férias. Tal situação é desgastante e foi acrescida às reduzidas oportunidades de descanso e lazer. Recorrendo à concepção crítico-dialética de formação omnilateral (OLIVEIRA et al., 2009), compreendemos que o estudante nesse contexto produtivista não desenvolve as suas capacidades emocionais, sociais, políticas, culturais e físicas, gerando nessa parcela significativa da população, uma problemática social com indivíduos não habituados a estabelecerem vínculos de amizade (são individualistas), afetos (não conciliam possíveis namoros com as atividades acadêmicas), familiares (abdicam do tempo destinado à família em detrimento das atividades universitárias), políticas (os movimentos estudantis não são considerados rentáveis no mercado universitário) e físicos (abandonam as atividades físicas para conseguirem atender às demandas curriculares).

Considerando a dialética “sofrimento e prazer no trabalho”, o estudante, então, precisou elaborar estratégias para se defender das condições intensificadas de trabalho, numa tentativa de dominação simbólica da sobrecarga de atividades. Os resultados da pesquisa apontaram que o estudante centralizou-se na normalização do produtivismo, adaptando-se às regras, normas, práticas e processos do sistema de mercantilização do conhecimento. Para aqueles que almejavam prosseguir a carreira acadêmica, a intensificação das atividades e o produtivismo acadêmico representaram um *mal necessário*, já que proporcionaram o reconhecimento social de seu trabalho, criando, portanto, a inobservância da realidade do trabalho intensificado do estudante, evidenciado, conforme destacam Silva e Silva Jr. (2011, p. 64), no “fetiche do prazer e da paixão pelo trabalho acadêmico-científico”.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a.
- BOURDIEU, P. O Campo Científico. In: ORTIZ, R. (Org.) **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983b, p. 122-155.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- CHAUÍ, M. de S. **Escritos sobre a Universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.
- CONSELHO NACIONAL DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. CNPQ. **Iniciação Científica**. Brasília, 2014.

DEJOURS, C. Sofrimento e prazer no trabalho: a abordagem pela psicopatologia do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELMAN, L. I. (Orgs.). **Christophe Dejours**: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Brasília, DF: Paralelo 15, 2004.

DIAS SOBRINHO, J. Concepções de universidade e de avaliação institucional. In: TRINDADE, H. (Org.). **Universidade em ruínas**: na república dos professores. Rio de Janeiro: Vozes/ Rio Grande do Sul: Cipedes, 2001, p. 149-170.

DUBAR, C. A socialização como incorporação dos habitus. In: DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 77-95.

FERNANDES, M. C. S. G. Concepções de qualidade de ensino na perspectiva docente em um centro universitário privado e noturno, 2002, 244s. Tese. (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Araraquara, 2002.

MANCIBO, D. Intensidade do Trabalho Docente: um debate necessário. In: CATANI, A. M.; SILVA JÚNIOR, J. R.; MENEGHEL, S. M. (Orgs.). **A cultura da universidade pública brasileira**: mercantilização do conhecimento e certificação em massa. São Paulo: Xamã, 2011, p. 29-40.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 15-35, 2002.

OLIVEIRA, J. F.; CATANI, A. M. A reconfiguração do campo universitário no Brasil: conceitos, atores, estratégias e ações. In: OLIVEIRA, J. F. (Org.). **O campo Universitário no Brasil**: políticas, ações e processos de reconfiguração. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 11-37.

OLIVEIRA, M. A. M. et al. A concepção crítico-dialética na educação: alternativa à concepção do aprender-a-aprender, priorizada pela “pós-modernidade”? In: MENEZES NETO, A. J.; et al. **Trabalho, política e formação humana**: interlocuções com Marx e Gramsci. São Paulo: Xamã, 2009, p. 71-98.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez. 2005.

SANTOS, S. A. Mudanças na graduação na universidade pública: a nova prática da Iniciação Científica, 2013. Tese (**Doutorado em Educação**) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

SETTON, M. G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005.

SGUISSARDI, V. Modelo de expansão da educação superior no Brasil: predomínio privado/mercantil e desafios para a regulação e a formação universitária. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 105, p. 991-1022, set./dez. 2008.

SGUISSARDI, V. Produtivismo acadêmico. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. (Orgs.). **Dicionário de Trabalho, Profissão e Condição Docente**. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação/UFMG, 2010.

SGUISSARDI, V.; SILVA JÚNIOR, J. R. **Trabalho intensificado nas federais: Pós-graduação e produtivismo acadêmico**. São Paulo: Xamã, 2009.

SILVA JÚNIOR, J. R.; SGUISSARDI, V.; SILVA, E. P. Trabalho intensificado nas federais públicas brasileiras. **Universidade e Sociedade**, Brasília, DF, v. 45, p. 9-37, 2010.

SILVA, E. P.; SILVA JUNIOR, J. R. Da avaliação heterônoma da pós-graduação à desumanização das relações de trabalho na instituição universitária pública. In: ROTHEN, J. C.; BARREYRO, G. B. (Orgs.). **Avaliação da educação: diferentes abordagens críticas**. São Paulo: Xamã, 2011, p. 55-73.

DADOS DOS AUTORES

MAÍSA APARECIDA OLIVEIRA

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos

maisavrb@hotmail.com

MARIA CRISTINA SILVEIRA GALAN FERNANDES

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista de Araraquara

mcsfernandes@gmail.com

Submetido em: 24-7-2015

Aceito em: 17-2-2016